

REFLEXÕES SOBRE O ADVENTO DA CIBERGEOGRAFIA OU O SURGIMENTO DA GEOGRAFIA POLÍTICA DO CIBERESPAÇO: CONTRIBUIÇÃO A CRÍTICA À GEOGRAFIA CRÍTICA.

Hindenburgo Francisco Pires

Instituto de Geografia – UERJ

hindenburgo@uerj.br

Resumo

Neste artigo daremos atenção a dois temas importantes da história do pensamento geográfico: o primeiro, a crítica à nova geografia e o surgimento da geografia radical, e o segundo o surgimento de uma geografia política do ciberespaço.

O objetivo é analisar como ocorreu a crítica e a renovação do pensamento geográfico através da nova geografia no final do século XX e como está ocorrendo à emergência de uma nova geografia das redes sociais de relacionamentos ou o surgimento de uma geografia política do ciberespaço.

A idéia é dar continuidade a investigação de como e quando aconteceu a formação das correntes do pensamento geográfico da geografia radical e da cibergeografia.

Palavras Chaves: História do Pensamento Geográfico, Nova Geografia, Geografia Radical, Cibergeografia.

1. Da crítica à Nova Geografia a Geografia nova e crítica

No artigo que publicamos no I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, em 2008, “*Reflexões sobre a contribuição da Geografia Histórica e da Geohistória na renovação dos pensamentos geográficos e histórico no século XX*”, investigamos o movimento de renovação da geografia no século XX e analisamos quais foram as pré-condições para a formação de duas novas correntes do pensamento geográfico contrárias à geografia moderna: a geografia histórica e a nova geografia, também chamada de geografia pragmática ou geografia quantitativa (PIRES, 2008).

Apesar de, a princípio, todos tentarem ressaltar os problemas provocados pela filiação

positivista da geografia moderna, que já analisamos neste mesmo artigo, podemos verificar que, na verdade, mesmo com todas as controvérsias, esta acaba por servir como um avanço, a partir do momento em que propõe uma ruptura com a superstição e a fase teológica que caracterizava a influência da religião nas ciências como um todo.

Cumprir lembrar que, para conceituar e compreender o que chamamos de geografia moderna ou tradicional, é necessário situá-la historicamente, caracterizando o tipo de práxis que a fundamentou, pois só assim poderemos entender quais as suas funções na sociedade e quais foram os causadores de sua crise.

E o que levou a geografia moderna a entrar em crise?

A fragilidade do liberalismo econômico, exposta desde a crise de 1929, deixou clara a necessidade de planejamentos econômicos que tornasse o mundo um ambiente mais seguro para as empreitadas capitalistas. Esses acontecimentos, mais os fenômenos que surgiam como uma grande novidade para a sociedade, como, por exemplo, a expansão dos grandes centros urbanos; o avanço do processo de industrialização; o processo de mecanização, que atua tanto na cidade como no campo; o surgimento de empresas que passam a atuar em várias partes do planeta e as multinacionais trazem novos questionamentos nunca antes formulados.

Uma tentativa de reformulação surgiu, por meio da geografia quantitativa, que tentou explicar a realidade através do uso de métodos matemáticos. No entanto, esta nova geografia que se opôs a insuficiência da geografia moderna, não conseguiu ir a fundo aos questionamentos sociais. Desta forma, ela foi identificada pela geografia crítica por não romper com os projetos e conteúdos elitistas das classes dominantes. Ao utilizar-se de métodos matemáticos, acaba por manter uma grande distância da realidade, pois dados estatísticos podem apresentar interpretações diversas ou até mesmo escamotear a verdade.

Segundo Paul Claval, quando analisamos a emergência da nova geografia em contraposição à geografia moderna:

“O balanço da nova geografia é positivo sob muitos pontos de vista. A geografia deixa de ser considerada uma ciência natural, pois trata de realidades sociais, culturais ou econômicas. As investigações progredem rapidamente nos domínios urbanos e industrial (...); o recurso aos métodos estatísticos e ao tratamento matemático dos dados torna-se sistemático. Porém existem

pontos sombrios (...). Alguns capítulos da geografia são deixados ao abandono; assim acontece com as estruturas agrária e com a geografia histórica, consideradas demasiado ligadas ao passado, ou com a geografia cultural que parece ter parado no momento em que a difusão dos tipos de comportamento inspirados no modelo americano se generalizaram. Os estudos regionais quase desaparecem no mundo anglo-saxônico ... ” (Claval, 2007:112-13).

Nesta parte de nosso artigo, iremos refletir sobre a crítica à nova geografia, procurando analisar quais foram os principais argumentos que fundamentaram o debate e quando aconteceu a formação da corrente do pensamento geográfico contrária à nova geografia: a geografia radical ou geografia crítica.

A pergunta básica que devemos formular aqui é a seguinte: por que ocorreu a crítica do pensamento geográfico à nova geografia?

A historiografia da história do pensamento geográfico nos revela que a crítica à nova geografia foi majoritariamente dirigida pela geografia radical e também secundariamente por representantes da corrente do pensamento geográfico da geografia humanística. Estas correntes emergiram em oposição à nova geografia a partir do final dos anos sessenta.

2. O Surgimento da Geografia Radical como Geografia Crítica

A geografia radical surge no final dos anos sessenta, nos Estados Unidos, como resultado de contexto histórico de contestação à guerra do Vietnã, à crise dos mísseis de Cuba¹ e de luta pela garantia dos direitos civis contra o racismo, de protestos contra a degradação do meio ambiente e da deterioração da vida urbana. A crítica à sociedade de consumo e ao desperdício eclodiu em todos os campos, inclusive nas universidades americanas: John Hopkins, Clark, Simon Fraser.

Os geógrafos pertencentes à corrente da geografia radical acreditavam que era necessário ter um engajamento mais crítico e atuante no meio acadêmico contra as mazelas sociais do capitalismo. Para eles, não bastava estudar apenas os padrões espaciais, como fazem os geógrafos quantitativistas, tornava-se crucial a análise dos processos e problemas socioeconômicos.

Integrar a análise dos processos sociais e os espaciais no estudo da realidade: eis o novo

desafio da geografia contemporânea. Dentro desta perspectiva, Milton Santos (1926), em sua crítica à geografia quantitativa, adverte que o maior pecado desta corrente do pensamento geográfico:

“(...) é que ela desconhece totalmente a existência do tempo e suas qualidades essenciais. A aplicação corrente das matemáticas à geografia permite trabalhar com estágios sucessivos da evolução espacial, mas é incapaz de dizer alguma coisa sobre o que se encontra entre um estágio e outro. Temos assim, uma reprodução de estágios em sucessão, mas nunca a própria sucessão. Em outras palavras, trabalha-se com resultados, mas os processos são omitidos, o que equivale a dizer que os resultados podem ser objetos não propriamente de interpretação, mas de mistificação” (Santos, 1978:53).

Em contraposição à nova geografia, a geografia nova e crítica rejeitou o positivismo lógico e o viés cientificista da “revolução quantitativa”.

Os fundamentos teóricos da geografia crítica se inspiraram no marxismo e no materialismo histórico, segundo Manuel Correia de Andrade:

“O marxismo, corrente filosófica, política e econômica baseada em Karl Marx (1818-1883) e seus seguidores, que se opõe ao idealismo e ao dualismo analítico, defende a superação do capitalismo e o advento do socialismo.

O marxismo geográfico nos Estados Unidos foi o resultado da reflexão de alguns geógrafos quantitativistas que compreenderam o esvaziamento de suas técnicas e o comprometimento que tinham para com a sociedade capitalista em expansão; procuram indicar os locais ideais para a localização das indústrias, as formas de organização do espaço urbano, agrário, etc. sem se preocuparem com os danos causados por esta racionalização capitalista sobre a qualidade do meio ambiente e da sociedade. Daí o radicalismo de um Bunge (*William Wheeler Bunge*)², que terminou perdendo os lugares universitários em Detroit e em Toronto, transformando-se depois em motorista de taxi, e de Harvey (*David Harvey*)³ que, como novo converso, investe contra os seus companheiros da “revolução” quantitativa, como Brien

Barry (Brian Joe Lobley Berry)⁴. Mas, controlando lugares importantes nos centros universitários, escrevendo em inglês e tendo fácil acesso aos meios de comunicação, fizeram grandes avanços, sobretudo depois da publicação, por Harvey, dos seus livros *A Justiça social e a cidade*, em 1973, e *Os Limites do capital*, em 1982. Na realidade, Harvey, que, em 1969, era positivista, avançou em direção ao marxismo e quatro anos após já se posicionava crítico em relação à sua produção anterior e, em seguida, se tornou marxista bastante agressivo”.

Algumas publicações desempenham papel importante na difusão das idéias da geografia crítica, foram os casos da revista estadunidense *Antipode: A Radical Journal of Geography*, em circulação desde 1969, naquele período sob a responsabilidade de Richard Peet⁵ (1940); da revista francesa *Hérodote*⁶, que vem sendo editada desde 1976, cujo conselho editorial foi inicialmente liderado por Yves Lacoste⁷ (1929) e a revista canadense *Cahiers de Géographie de Québec*, que desde o final dos anos setenta vem se dedicando a temas vinculados com a geografia crítica⁸.

Essa expressão, na origem, foi criada ou pelos menos identificada com a obra *A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra* (de 1976), de Yves Lacoste, e com a proposta da revista *Hérodote* (cujo primeiro número também foi editado em 1976), que no início era uma revista de "geopolítica crítica" e também de geografia, com especial ênfase na renovação do seu ensino em todos os níveis.

A geografia crítica surgiu ligada a uma realidade em que o mundo se encontrava bipolarizado entre os sistemas capitalistas e socialistas, na qual a ciência recebeu uma forte influência do legado marxista, ganhando uma visão baseada nos aspectos econômicos, por muitas vezes, ignorando os aspectos naturais. De acordo com os geógrafos críticos, ela vai servir como um instrumento de libertação, questionando principalmente a despolitização do discurso geográfico.

Os grandes precursores da geografia crítica foram: Karl August Wittfogel (1896-1988), David Harvey (1935), Yves Lacoste (1929), Allen J. Scott (1938), Horacio Capel⁹ (1941), Richard Peet (1940), Doreen Massey (1944), Neil Smith e Massimo Quaini. No Brasil, precursores da geografia crítica foram: Josué Apolônio de Castro¹⁰ (1908-1973), Milton Almeida dos Santos¹¹ (1926-2001), Manuel Correia de Andrade¹² (1922-2007).

De acordo com Milton Santos (2004, p.193), nenhum risco “é tão grave quanto o de formular uma verdade científica como uma certeza eterna”, assim como ele chama a

atenção para o fato de que “toda teoria é revolucionária”, muita das novas teorias podem ser encaradas como adaptações das velhas teorias para as novas realidades.

Concluimos que da mesma forma como a geografia tradicional pecou por negligenciar as questões econômicas em suas formulações, muitos geógrafos críticos também pecam por ignorar as questões de ordem natural em seus estudos.

Outra importante corrente do pensamento geográfico que também efetuou uma crítica à nova geografia foi à geografia humanística¹³ ou fenomenológica, liderada pelas posições teóricas e críticas de Yi-Fu Tuan¹⁴ (1930), Anne Buttimer (1940), Edward Relph, etc.

Os geógrafos pertencentes à corrente humanista, influenciados pelo existencialismo e pela fenomenologia de Edmund Gustav Albrecht Husserl (1856-1938), também não aceitaram o viés neopositivista e quantitativista da nova geografia.

Segundo Tuan (In: Christofletti, 1985:143):

A Geografia Humanística reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição. A Geografia Humanística não é, desse modo, uma ciência da terra em seu objetivo final. Ela se entrosa com as Humanidades e Ciências Sociais no sentido de que todas compartilham a esperança de prover uma visão precisa do mundo humano. Qual é a natureza do mundo humano? As Humanidades ganham maior esclarecimento desta natureza por focalizarem-se sobre o que o homem faz supremamente bem nas artes e no pensamento lógico. As Ciências Sociais adquirem conhecimento do mundo humano pelo exame das instituições sociais, as quais podem ser vistas tanto como exemplos da criatividade humana e como forças limitadoras da atividade livre dos indivíduos. A Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo; das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar. As relações com a natureza e o comportamento geográfico são, contudo, também do interesse de outros geógrafos. Por exemplo, um geógrafo físico examina as relações do homem com o meio ambiente e um analista regional estuda as "leis da interação espacial". Com o que pode o geógrafo

humanístico contribuir? A questão pressupõe que saibamos o significado do humanismo e da perspectiva humanística.

Para a geografia humanista as noções de espaço e lugar não podem ser representadas apenas por modelos e sistemas matemáticos. O lugar possui uma relação com o indivíduo que nele se encontra. O lugar é mais que uma mera localidade, o seu significado é criado e recriado pela representação dos indivíduos que a ele pertence. O mesmo acontece com a noção de espaço: a idéia de espaço é oriunda também da percepção e da capacidade de reconhecimento que os indivíduos efetuam sobre ele. Segundo Christofletti (1985:23):

O reconhecimento dos objetos implica o reconhecimento de intervalos e relações de distância entre os objetos e, pois, de espaço (Tuan, 1974a). A distância é de âmbito espaço-temporal, pois envolve não só as noções de 'perto' e 'longe', mas também as de passado, presente e futuro. Todavia, para a Geografia Humanística, a integração espacial faz-se mais pela dimensão afetiva que pela métrica. Estar junto, estar próximo, não significa a proximidade física, mas o relacionamento afetivo com outra pessoa ou com outro lugar... Sob a perspectiva positivista a geografia é a análise da organização espacial. Sob a perspectiva humanística o espaço e lugar assumem características muito diferentes.

Não é nosso propósito aqui analisar profundamente toda a fundamentação filosófica da corrente do pensamento geográfico vinculada à geografia humanística. Mas a fenomenologia existencial é principal base filosófica da geografia humanística.

3. O Advento da Cibergeografia ou o Surgimento da Geografia política do Ciberespaço

O principal dilema da geografia é: ser uma ciência social convencional estabelecida para servir ao sistema social ou ser uma ciência social crítica que busca alternativas reais para as questões e problemas sociais.

A grande contribuição que a geografia crítica nos deixou foi a consciência de que o grande desafio da geografia contemporânea é trabalhar pelo aprofundamento de alternativas de investigação, que se comprometam em revelar os processos sociais que

subjazem aos problemas sociais (PEET, 1985:225).

Outro importante desafio da geografia contemporânea é efetuar a crítica da geografia crítica, segundo Soja (1993:73) (...) “denunciando as insuficiências teóricas, as interpretações exageradas e as abstrações despolitizantes do estruturalismo althusseriano e de seus adeptos neomarxistas” (...).

A crítica da geografia crítica foi em parte efetuada pelos trabalhos recentes de David Harvey (1935), Edward Soja (1941), Yi-Fu Tuan (1930), Horacio Capel (1941) e Milton Santos (1926). Segundo Soja (1993:95), “as mais importantes geografias pós-modernas ainda estão por ser produzidas.”

Nesta mesma perspectiva crítica, Milton Santos em meados dos anos 90 apontou para a necessidade de se estudar a Geografia das Redes. Para cumprir esta meta teórica de desenvolver os fundamentos de uma crítica a geografia crítica, tornava-se necessário introduzir o tema do ciberespaço e da *internet* na geografia contemporânea.

Milton Santos em seu último livro, não conseguiu concluir esta meta investigação científica de estudo da geografia das redes tecnológicas, embora o glossário desta já anteviesse essa intenção.

A cibergeografia ou o estudo do ciberespaço¹⁵, segundo o olhar da geografia, constitui um esforço recente que vem se expandindo e se consolidando rapidamente, impulsionado principalmente pela necessidade de se estabelecer as bases conceituais que expliquem e elucidem como essa estrutura de rede, através da internet, afeta e é influenciada pela dinâmica territorial produzidas com o crescimento de e-commerce e de atividades eletrônicas.

Segundo Martin Dodge e Rob Kitchin no livro “Mapping Cyberspace”, o termo ciberespaço significa literalmente "espaço navegável" e é derivado da palavra grega Kyber (Navegar). Entretanto foi William Gibson, em sua novela “Neuromancer” escrita em 1984, quem inaugurou o uso do termo ciberespaço, que é relativo ao navegável, espaço digital das redes computacionais acessíveis a partir de um computador.

Assim como o ciberespaço a internet é um dos instrumentos que exemplifica como a modernidade afeta a nossa percepção de tempo e de espaço. Se você precisa ir a uma loja para comprar uma mercadoria qualquer, logo deve se lembrar de que você dispõe de um tempo determinado, que é o período que essa loja fica aberta, mas se essa loja for virtual, se você utilizar a internet para fazer essa compra, mesmo que a mercadoria não se materialize instantaneamente na sua frente, a compra poderá ser efetuada a qualquer

hora. Você também pode usar a internet para visitar, virtualmente, um lugar que pessoalmente estaria inacessível naquele momento, isso também ocorre independentemente do horário em que você utiliza o computador.

A ciência geográfica também vem se empenhando em elucidar e desmitificar todas as tentativas ideologizantes de dissimulação da “natureza” do ciberespaço.

O ciberespaço foi estruturado no período da guerra fria para permitir a comunicação instantânea dos setores militares e das forças de defesa do território nos EUA. A sua estrutura de gestão e de governança é desde sua gênese, no departamento de defesa (DOD), unilateral (PIRES, 2008 e 2009).

Hoje nos EUA, a administração para Barack Obama tem dado continuidade à política de George Bush quando:

- considera o ciberespaço como recurso crítico;
- não admite soberania dos estados nacionais na governança da internet;
- nomeia Rod A. Beckstrom, ex-chefe no governo Bush do departamento de Segurança Doméstica e;
- mantém a mesma uma política de cibersegurança e de *ciberwar* de seu antecessor.

Assim, os estudos recentes sobre a governança da internet vêm se transformando em campo fecundo para surgimento de uma nova geografia política do ciberespaço.

4. Por uma teoria do conhecimento do Ciberespaço

O ciberespaço é um território articulado e estruturado pela primazia de suas estruturas sociais de acumulação.

O ciberespaço deixou de ser um “espaço público” constituído eminentemente pelas redes acadêmicas, e se transformou em uma estrutura virtual de acumulação subsumida pela migração digital.

O imperativo do ciberespaço e da era digital é um fato irreversível. O crescimento do comércio eletrônico e a troca de bens tangíveis e não-tangíveis pela Internet revelam essa tendência.

Por outro lado, abre-se uma nova possibilidade para o desenvolvimento de uma teoria social crítica que se apropria do ciberespaço para a consolidação de nova rede social de lutas, que se dá pelo desenvolvimento do software livre e pela utilização da internet para

consolidar projetos de colaboração e interação permanentes, como é o caso da wikipedia¹⁶, de onde retiramos grande parcela de conteúdos sobre a história do pensamento geográfico desse artigo.

Eis aí um novo campo para as geografias pós-modernas?!

A questão principal que norteia as pesquisa sobre o ciberespaço é: será o ciberespaço o espaço do imaterial e do virtual? O ciberespaço é descrito também por Castells como o espaço dos fluxos.

Mas, o que cada vez mais constatamos, contrariando esta e algumas afirmações é que o ciberespaço possui um vínculo indissociável com o espaço e suas relações sociais de produção.

O crescimento dos usos e do comércio na internet revela a importância que o ciberespaço possui na atualidade. A partir dele está se consolidando a formação de uma imensa estrutura virtual de acumulação capitalista.

O ciberespaço e as estruturas virtuais de acumulação representam uma projeção do espaço real, entender esta relação é compreender a dialética da vinculação e da articulação entre o espaço real e o espaço virtual abstrato.

As novas formas de expressão do fazer na arte e na política ganham força no ciberespaço, temas globais e locais podem ser discutidos sem as barreiras tradicionais da distância física, proporcionando a possibilidade da articulação e a mobilização política global.

O Ciberespaço é a nova paisagem das redes.

5. O Ciberespaço como Paisagem de Rede

O conceito de Paisagem possui inúmeras acepções. O estudo que irei apresentar aqui não é sobre a Paisagem em si, apenas vinculada às formas geologicamente constituídas ou a descrição da ocorrência dos “elementos” naturais da superfície da terra.

A Paisagem que destacaremos aqui é a paisagem imaterial do Ciberespaço e de suas redes. Esta é o resultado de um conjunto de ações e processos, físicos e sociais, historicamente constituído que altera a forma da superfície da terra; modifica a composição e a ocorrência dos “elementos” naturais; atua e interfere na duração dos tempos no espaço.

A Paisagem pode ser compreendida também como a imanência relativa dessas ações e relações refletidas e sedimentadas no espaço.

As redes e os sistemas de redes alteram a paisagem, para exemplificar irei destacar alguns tipos de rede que alteraram a paisagem tal como a conhecemos:

1. As redes hidrográficas produzidas por ações sociais, durante a revolução industrial, alteraram a morfologia dos cursos dos rios para permitir a navegabilidade e a circulação de embarcações entre as cidades na Inglaterra;
2. A rede ferroviária permitiu a integração de cidades, reduziu a duração dos tempos de circulação, alterou a morfologia dos relevos, provocou desmatamento e gerou uma ampliação radical do transporte de cargas;
3. A rede rodoviária, do mesmo modo que a ferroviária reduziu a duração dos tempos de circulação, alterou a morfologia dos relevos, provocou desmatamento e possibilitou o crescimento do transporte individual e coletivo;
4. A rede metroviária reduziu a duração dos tempos de circulação, alterou a morfologia dos relevos e gerou uma ampliação radical do transporte de massas nas metrópoles;
5. A rede aeroviária assim como a rodoviária e a ferroviária, reduziu a duração dos tempos de circulação entre os espaços e através da composição de seus fluxos alterou a hierarquia das cidades, a partir do movimento de passageiro e do tráfego aéreo.

O que assistimos hoje é expansão das redes infoviárias. A combinação e a integração de redes infoviárias estão possibilitando uma radical transformação nos sistemas de comunicação e de produção do conhecimento, através da Internet.

Mais amplo que a Internet, o Ciberespaço é o fruto da combinação avançadas das redes de comunicação e de informação, as infovias. Sua estrutura se assemelha a imagem de um “rizoma” ou a uma forma de Inteligência Coletiva.

Conclusões

Atualmente o ciberespaço é objeto de investigação inúmeras correntes do saber científico contemporâneos, alguns importantes esforços de investigação já foram efetuados nas Ciências Políticas, na Filosofia, no Direito, na Sociologia, na Geografia, na História, na Física, etc.

Os recentes estudos desenvolvidos pela cibergeografia sobre o ciberespaço são uma

fonte fecunda de reflexão.

A maioria procura estabelecer uma linha de investigação que se articula com um substrato metodológico que serve de balizamento para a realização de pesquisas e estudos sobre a natureza e o desenvolvimento do ciberespaço, principalmente no que diz respeito a nuances da geografia política do ciberespaço.

Se uma das grandes contribuições que a geografia crítica nos legou foi a consciência de que o grande desafio da geografia contemporânea é trabalhar pelo aprofundamento de alternativas de investigação, que se comprometam em revelar os processos sociais que subjazem aos problemas sociais. O grande desafio que se coloca à cibergeografia é desfetichizar a dialética da vinculação e da articulação entre o espaço real e o espaço virtual ou imaterial, e desvendar a lógica de reprodução do capital imaterial contemporâneo.

Notas

1. Sobre a crise dos mísseis de Cuba conferir em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_dos_m%C3%ADsseis_de_Cuba

2. Sobre William Bunge conferir em: http://en.wikipedia.org/wiki/William_Bunge

3. Sobre David Harvey conferir em:

[http://en.wikipedia.org/wiki/David_Harvey_\(geographer\)](http://en.wikipedia.org/wiki/David_Harvey_(geographer))

4. Sobre Brian Joe Loble Berry conferir em:

<http://www.utdallas.edu/epps/faculty/berry.html>

5. Richard Peet, nascido Southport, na Inglaterra. É considerado um dos fundadores da geografia radical. Graduou-se, em 1961, em economia na “London School of Economics”; em 1963, efetuou seu curso de mestrado em Geografia na “University of British Columbia”. Desde 1967, é professor de Geografia da Universidade de Clark e, em 1968, como orientando de Alan Pred, realizou seu doutoramento na Universidade de Berkeley, na Califórnia, com a tese "The spatial expansion of commercial agriculture in the Nineteenth century.". Peet foi editor, desde 1969, da revista “Antipode”.

Richard Peet é autor de vários livros: "Radical Geography: Alternative Viewpoints on Contemporary Social Issues"; "International Capitalism and Industrial Restructuring: A Critical Analysis"; "New Models in Geography: The Political Economy Approach (2 Volumes)"; "Global Capitalism: Theories of Societal Development"; "Liberation Ecologies: Environment, Development, Social Movements (edited with Michael

Watts); "Modern Geographical Thought"; "Theories of Development (with Elaine Hartwick)"; "Unholy Trinity: The IMF, the World Bank and the WTO (with Beate Born, Mia Davis, Kendra Fehrer, Mathew Feinstein, Steve Feldman, Sahar Rahman Khan, Mazen Labban, Kristin McArdle, Ciro Marcano, Lisa Meierotto, Daniel Niles, Thomas Ponniah, Marion Schwartz, Josephine Shagwert, Michael Staton and Samuel Stratton)"; "Liberation Ecologies"; "Geography of Power: The Making of Global Economic Policy"; "Development in Contention with E, Hartwick and N. Jaber".

Sobre Richard Peet conferir em:

http://www.clarku.edu/departments/geography/cvs/Peet_04-06-07.pdf

6. Para acessar conteúdos da Hérodote: <http://www.herodote.org/sommaire.php3>

7. Yves Lacoste, nascido em Fes, no Marrocos, é um dos mais importantes fundadores da geografia crítica, escreveu de vários livros: "Les Pays sous-développés"; "Géographie du sous-développement"; "Ibn Khaldoun - Naissance de l'histoire du Tiers-Monde"; "La Géographie ça sert d'abord à faire la guerre"; "Contre les anti-tiersmondistes et contre certains tiersmondistes"; "Géopolitique des régions françaises"; "L'État du Maghreb"; "Dictionnaire de Géopolitique"; "Dictionnaire Géopolitique des États"; "La Légende de la terre"; "Vive la Nation - Destin d'une idée géopolitique"; "L'Eau des hommes"; "De la Géopolitique aux Paysages". "Dictionnaire de la Géographie"; "Maghreb, peuple et civilisation (avec Camille Lacoste-Dujardin)"; "Géopolitique. La longue histoire d'aujourd'hui"; "L'Eau dans le monde: les batailles pour la vie"; "Géopolitique de la Méditerranée".

Para conhecer mais sobre a produção intelectual de Yves Lacoste, consulte:

http://es.wikipedia.org/wiki/Yves_Lacoste e http://fr.wikipedia.org/wiki/Yves_Lacoste

8. José William Vesentini, além de ter destacado a importância de Yves Lacoste no desenvolvimento da expressão geografia crítica, nos fornece uma extraordinária contribuição ao analisar a origem do termo geografia crítica, no artigo "*O que é Geografia Crítica?*", publicado em:

<http://www.geocritica.com.br/geocritica.htm>

9. Sobre Horacio Capel conferir em: <http://www.ub.es/geocrit/capel.htm>

10. Sobre Josué Apolônio de Castro conferir em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_de_Castro

11. Sobre Milton Almeida dos Santos conferir em:

<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm>

12. Sobre Manuel Correia de Andrade conferir em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Correia_de_Andrade

13. Existem vários sítios que revelam a trajetória de desenvolvimento epistemológico da geografia humanística, destes cumpre destacar dois sítio: o espanhol sobre a História do Pensamento Geográfico nos fornece também um rico material sobre a geografia humanista, vale conferir:

<http://es.geocities.com/geoleouy/sitemap.htm> e o sítio:

<http://ivairr.sites.uol.com.br/tuan.htm>

14. Sobre Yi-Fu Tuan conferir também: http://en.wikipedia.org/wiki/Yi-Fu_Tuan

15. Para você que deseja se aprofundar nos temas do ciberespaço e cibergeografia, consulte os seguintes sítios:

- <http://www.cibergeo.org/artigos/> ;
- <http://www.cibergeo.org/artigos/hindenburgoXIEGAL12012007.pdf> ;
- http://www.sed.manchester.ac.uk/geography/staff/dodge_martin.htm

16. Para saber mais sobre a wikipedia acesse: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia>

Bibliografia Consultada

ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia, Ciência da Sociedade: Uma introdução à Análise do pensamento geográfico, São Paulo, Editora Atlas S.A, 1987. 144 p.

CAPEL, Horacio. Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea, una introducción a la Geografía, Barcelona: Barcanova, 1981. 509 p.

CLAVAL, Paul. História da Geografia, Coimbra: Edições 70, 2006.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. Perspectivas da Geografia. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1985.

GORZ, André. O Imaterial: conhecimento, valor e capital, São Paulo, Annablume Editora, 2005.

LACOSTE, Yves. A Geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra, São Paulo: Papyrus, 1988.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Ratzel, São Paulo: Editôra Ática, 1990. 199 p.

_____. A Gênese da Geografia Moderna, São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1989. 206 p.

_____. Geografia: Pequena história crítica, São Paulo: Annablume, 20ª Edição, 2005. 150 p.

PEET, Richard. "The Social Origins of Environmental Determinism," *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 75 (Sept., 1985): 309-333.

PIRES, Hindenburgo Francisco Pires. Reflexões sobre a contribuição da Geografia Histórica e da Geohistória na renovação dos pensamentos geográficos e histórico no século XX, In: I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, Universidade de Federal de Uberlândia, 2008.
<http://www.ig.ufu.br/coloquio/textos/PIRES,%20Hindenburgo%20Francisco.pdf>

_____. Governança Global da Internet: A representação de topônimos de países no ciberespaço. X Coloquio Internacional de Geocrítica, Barcelona, Universitat de Barcelona, 26 - 30 de mayo de 2008, Diez Años de Cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008.

_____. Gestão dos Sistemas de Zona Raiz e de DNS no Ciberespaço: Impasses e Controvérsias, In: XII Encontro de Geógrafos da América Latina - XII EGAL. Mesa: Región y Globalización. Desafíos epistemológicos y políticos de las nuevas espacialidades, 04 de Abril de 2009, Montevideo, Uruguay, 2009.

QUAINI, Massimo. *A construção da Geografia Humana*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 158 p.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova*, São Paulo: Hucitec, 1978. 236 p.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à Geografia. Geografia e Ideologia*, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1977.135 p.

SOJA, Edward W. *Geografias Pós-Modernas: A reafirmação do espaço na teoria social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.